

## **“Stop-motion” - Joanna Latka**

23 Novembro 2013 / 11 Janeiro 2014

Galeria das Salgadeiras

“The Winter’s Tale”, conto de William Shakesperare datado do início do século XVII, serve de mote a esta mais recente série de Joanna Latka, não tanto pela sua narrativa, antes pela atmosfera e pelo ambiente invernosos deste romance (ou tragicomédia), um dos últimos do autor. É a este espírito do Inverno, do tempo frio, da neve e da montanha, dos encontros das suas personagens, da brincadeira nos trenós e da pescaria no gelo — há a referir que será, porventura, a primeira ocasião em que, na obra de Joanna Latka, o homem assume o protagonismo de uma cena — que a artista nos pretende transportar nesta viagem, feita em “stop-motion”.

Uma história, inventada pela sua imaginação, qual “louca da casa”, feita de fragmentos que se sobrepõem de uma gravura a outra, como se a estivessemos a assistir através da janela de um comboio, onde o resto de uma imagem fica na retina à espera da seguinte. Há um instante em que a passagem do tempo parece congelar, nessa ilusão da sobreposição de imagens, logo projectado para a continuação da história que ensejamos ver e imaginar, neste jogo pictórico que esta exposição, e a sua instalação no espaço expositivo, sugere. É como se, de súbito, voltássemos a ser crianças com um novo brinquedo e nos lançássemos à descoberta. Entramos num filme de animação, território artístico onde a Polónia, país natal da gravadora, tem uma forte tradição. Damos uma e outra volta, não sabemos bem onde a história começa e termina, se é que termina, não nos deixemos induzir por uma numeração que é meramente arbitrária. Vamos, cada um de nós, construir imaginários, eleger o protagonista, escolher o seu final, porventura feliz como em “The Winter’s Tale”. Gravada livre e espontaneamente na matriz de metal, a linha de Joanna Latka “is going for a walk”, recuperando o título da sua última exposição, na Galeria das Salgadeiras, que partia de uma citação de Paul Klee para definir o acto de desenhar, estando este tão próximo que está da gravura, em termos de pensamento e de acto criativo, longe, contudo na sua concepção técnica e na sua materialização.

Tomemos, portanto, o comboio que parte de uma estação, a que poderíamos chamar “imaginação” e vejamos por que caminhos nos leva a sua linha férrea, feita de “ferro” como as gravuras que aqui se apresentam. A algum lado chegaremos, não creio, porém, que o tenhamos que saber já. Como dizia Ludwig Wittgenstein, para ver abrimos os olhos, para imaginar há que fechá-los. Fechemos, então, os olhos por uns momentos e deixemo-nos levar por estas linhas gravadas, primeiro na chapa, depois na nossa memória. Destino: o que cada um imaginar.

Ana Matos

Lisboa, Novembro 2013